



Neste palco, como se imagina, disputa-se a atenção

Palco

palco@timeout.pt

HUGO GLENNINK

## Uma boa história é outra história

Continuando a sua ocupação da cidade, Tim Etchells e os Forced Entertainment vão à Culturgest protestar contra a tirania da narrativa. **Gonçalo Frota** só sabe que acaba bem.

Uma boa história deve ter: um começo dinâmico, uma personagem central carismática, um modelo de virtudes, etc. Assim começa *The Coming Storm*, a primeira de duas peças com que os ingleses Forced Entertainment dinamitam as narrativas esta semana na Culturgest. Porque enquanto isto é dito, temos à nossa frente seis actores, em fila, numa apresentação que nada tem de carismático ou dinâmico. É uma simples enunciação, “uma mini-palestra, muito seca, uma piada ao dizer-se o que deve ser uma história excitante e nada daquilo que se vê excitante”, reforça Tim Etchells. “É uma piada às nossas próprias custas, que nos faz parecer estúpidos”, ri-se o autor e encenador que é Artista na Cidade de Lisboa em 2014.

A piada tem por alvo a existência de fórmulas e regras para a obtenção de uma boa história. Algo que causa atracção e repulsa a Etchells em doses semelhantes. Ora leiam: “Com muitos dos romances que leio, acontece gostar muito da primeira metade e depois perder o interesse à medida que a conclusão toma forma.” A justificação é simples e lógica.

Tim Etchells prefere o tempo em que uma narrativa constrói um universo próprio, mas em que existe ainda enquanto “espaço de possibilidades e de imaginação”. A proximidade do fim, lamenta, tende a tornar tudo demasiado concreto e afunilado, “fica-se preso na lógica de outra pessoa”. É e nessa altura que diz sentir “a tirania da narrativa” e habitualmente se desinteressa.

Ora este Tim Etchells leitor tem tudo a ver com *The Coming Storm* e *And on the Thousandth Night*, duas peças irmãs na forma como se propõem contar histórias e falhar consecutivamente, deixando nas mãos do público amañhar-se com os fragmentos soltos. A diferença entre as duas propostas reside em três pontos fundamentais: uma dura duas

horas, outra seis (o público pode entrar e sair da sala livremente); a primeira tem um texto fixado, a segunda assenta numa longa improvisação; o boicote à narrativa em *Coming Storm* cruza-se com o recurso a música e dança, *Thousandth Night* é uma imprevisível sucessão de pequenas histórias. Dai que esta última não seja preparada com recurso a ensaios convencionais. “Falámos sobre como correu das últimas vezes”, esclarece Etchells, “e de resto aquilo que os actores fazem nestas semanas prévias é pensar em histórias, recolher material que possa vir a ser útil caso se lembrem dele em palco.”

Em ambas as peças, vem à tona uma competição entre as personagens, como se partilhassem histórias num bar

entre amigos, numa noite de Natal em família, numa pausa para café entre colegas de trabalho. Há um boicote às histórias alheias – por vezes interrompidas por quem nem tem nada para contar –, numa ânsia de superação, de quem está mais disponível para falar e dominar o espaço público do que para ouvir em silêncio. “Acho que é interessante”, defende Etchells, “porque há um jogo entre algo lúdico e ligeiro, e um outro lado com uma agressividade e uma violência implicadas, um desrespeito pelos outros, pelo espaço e pelas opiniões. – É cruel.” Mas é também apenas o espelho de um tempo em que “a ocupação do espaço nos *media* e na cultura popular se faz pelo propósito dessa ocupação e não por se ter algo a dizer”.

Ou seja, nesta arena contemporânea às vezes é mais importante gritar não sei o quê do que dizer sabendo o quê.



Aqui, onde os veem, vão desatar a improvisar histórias

### The Coming Storm e And on the Thousandth Night...

De quarta a sábado os Forced Entertainment ocupam a Culturgest. Bilhetes entre 5€ e 14€. Ver listas.



Acha que é má educação sair a meio de uma peça de teatro?  
E porque ainda não foi ler a página 49.